

Riso, caricatura, paródia e mistificação na sátira graciana

Laughter, Caricature, Parody and Mistification in Graciano Neves's Satire

Eduardo Guerreiro Brito Losso*
Raoni Schimitt Huapaya*

Ao leitor da revista *Fernão*, propomos a seguir uma seleta de *Doutrina do engrossamento*, de Graciano Neves (1868-1922). Os excertos selecionados vieram do texto estabelecido para Edifes (2016), fundamentada na primeira edição, publicada inicialmente em 1901, no Rio de Janeiro, pela importante casa de livros Laemmert¹; e em cotejo com a segunda edição pela Flores & Mano, Rio de Janeiro, 1935, com prefácio de Madeira de Freitas. A ortografia foi atualizada e os erros tipográficos foram corrigidos. As poucas notas são do próprio autor e compõem o escopo satírico da “doutrina”.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

* Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹ Os irmãos Laemmert, reconhecidamente interessados pelo humor e pela sátira, publicaram, por exemplo, a *Enciclopédia do riso e da galhofa* (1863), que assinada em nome de um tal Pafúncio Semicúpio Pechincha ocultava em pseudônimo o editor Eduardo Laemmert (ARAÚJO, 2007, p. 86).



Frontispício da primeira edição, 1901, sem a identificação de Graciano Neves como autor, retrato anônimo e página com a resenha de Gustavo Barroso, publicada na *Revista Fon-Fon*, por ocasião do lançamento da segunda edição de *Doutrina do Engrossamento* (1935).

Declaradamente um manual de puxa-saquismo, a obra de Neves, satirizando as práticas governistas da época, construiu um ensaio de pouco mais de 120 mil caracteres sobre uma teoria da bajulação e seu uso na política. Com relação à sua orientação, o termo doutrina (do latim, *doctrína, -ae*) quer dizer “ensino, instrução dada ou recebida”; e cabe ao fim a que se dispõe a obra: formar jovens no refinado ofício do “engrossamento”. Na doutrina de Graciano, o título ganha tom de trapaça, blague, mofa, ao compor estampa com o estranho neologismo “engrossamento”. A seriedade do primeiro é destronada pelo choque satírico do segundo; de qualquer modo, ambos se combinam no efeito de empolgação monumental.



Capas do livro e a de nossa edição.

Definido como “ato de bajular ou de adular”, o vocábulo engrossamento ganhou, por exemplo, entrada no dicionário do escritor e caricaturista Raul Pederneiras, *Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria* (1948). Capturado na malandra boemia carioca, o verbete apresenta variantes como “engrossa” (bajulador, interesseiro), que chegou até mesmo, em 1898, a dar nome a um suplemento humorístico do jornal *Gazeta de Notícias* (*O Engrossa*).

A título de método, entretanto, Graciano Neves determinou os alcances de sua exposição doutrinária ao que denomina “engrossamento político”. Tipo particular do gênero, uma vez que elaborado a partir de premissas éticas de governo e sociedade, foi definido pelo autor como “uma forma de namoro, de sedução, de D. Juanismo, que tem por fim captar as simpatias da Autoridade e arrancar-lhes os favores e benefícios que ela possa porventura prestar” (NEVES, 2016, p.77).

Nesta criativa elaboração teórica com vistas a fins práticos explicitamente imorais e interesseiros, a sátira de Graciano promete, na forma consagrada da paródia, percurso pedagógico específico nesta espécie “engrossatória”, tratando de garantir escopo sem, contudo, excluir leitores que dela possam tirar proveito mais amplo. Em outras palavras: não sem a promessa de que, ao entender a técnica em tela, o leitor também estaria “aparelhado para exercitar com superioridade todas as minúcias engrossatórias empregáveis no exercício das outras profissões”

(2016, p.22), como um manual pragmático perfeitamente adequado a seu objetivo.

Estruturado em quatro capítulos, a saber: 1) "Introdução fundamental"; 2) "Justificação histórica e política do engrossamento"; 3) "A técnica do engrossamento"; 4) "A arte de engolir a pílula", *Doutrina do engrossamento* apresenta seu conteúdo organizado numa estratégia ficcional de mistificação², espécime de logro literário. A começar pelo aspecto jocoso com que se denomina a obra, vale destacar que a publicação original foi sob o pseudônimo do Dr. M. Guedes Júnior, autointitulado "ex-deputado federal".

O expediente, em tom de blague, inicia seus ensinamentos com uma dedicatória "Ao Congresso Federal". A justa "cortesia", feita em espaço à parte, de forma laudatória e – para lembrar a célebre expressão machadiana – com a "pena da galhofa", já aparece como uma oferta de gosto duvidoso, que faria o leitor mais atento desconfiar da homenagem: "o autor daria uma prova antecipada e flagrante de insinceridade e incoerência, se não colocasse as suas humildes doutrinas sob a inovação de uma entidade ilustre e poderosa" (NEVES, 2016, p. 19).

Graciano foi crítico do despotismo estabelecido pelo Marechal Deodoro da Fonseca – a quem chamava "tirano vulgar" – e atacou duramente o estadista na imprensa local quando da dissolução do Congresso. Membro do Partido Republicano Construtor, com a ascensão de Floriano Peixoto, contando ainda 23 anos, obteve rápida ascensão política, recebendo a indicação de compor parte da Junta Governativa do Estado do Espírito Santo, que governou do fim de 1891 a 1892. Mais tarde, em consulta popular tumultuada e marcada pelos reveses

² O historiador do riso, George Minois, explica que "o século XIX é rico em mistificações" (MINOIS, 2003, p. 482). Exemplifica o fenômeno enumerando listas e mais listas de falsificações e fraudes como próprias da produção editorial francesa de *fin de siècle*. A seu turno, também na *Belle Époque* carioca é possível encontrar periódicos cujos textos eram assinados por anônimos ou pseudônimos, que, mesmo de conteúdo duvidoso, gozavam de leitores cativos, de tiragens fartas e de ampla circulação tanta na Capital Federal quanto na Corte dos tempos do Império. Pode-se dizer que as "fake news" atuais possuem fartos antecedentes já no século onde a imprensa era dominante.

próprios das eleições da Primeira República, foi eleito presidente do Estado do Espírito Santo e empossado em 23 de maio de 1896. Assumindo em meio a grave crise econômica e política, realizou vários cortes orçamentários e interrompeu investimentos iniciados por Muniz Freire, seu antecessor, correligionário e padrinho político. A instabilidade em seu grupo político levou-o à renúncia em setembro de 1897.

O deslocamento empreendido pelo autor em relação à sua condição de agente político permitiu que o pacto ficcional com o leitor se estabelecesse por meio de um diálogo dúbio, permanentemente irônico e por vezes insólito, em que a voz enunciativa assume a condição de pseudo-político teórico, responsável com o progresso e profundo conhecedor das práticas cotidianas de adulação, ora se afastando e ora se aproximando da persona de Graciano Neves, com vistas a assumir, ironicamente, o tom denunciador dos vícios da recém-chegada República, da qual participara ativamente:

Seduzir o governo em vez de atacá-lo é o único meio certo de alcançar as mais apetecíveis posições, e a mais aprazível forma de concorrência democrática, que – uma vez consagrada pela filosofia da História – há de extinguir os mais pudibundos escrúpulos e inaugurar para a Federação Brasileira um sólido regime de Ordem (2016, p. 51)

Neste diapasão, o leitor que então nos apresenta e valida a leitura da obra é, na forma de prefácio, o pseudo “senador Melício de Seixas”. Homem de letras e de política, conhecedor da necessidade de se estabelecer a “ordem” numa república incipiente, ao prefaciá-lo, o senador exalta – executando as mais peritas formas de engrossamento – as virtudes do deputado-escritor, atestando os argumentos defendidos mais à frente no desenvolvimento da doutrina.

A lição da doutrina elaborada ao “espírito da mocidade” é sua ambição de realizar uma caricatura dos meios políticos ligados a uma república frágil e clientelista. Sua contribuição literária atesta uma personalidade de exímia habilidade com os

procedimentos satíricos que perpassam as práticas culturais comuns à imprensa e às letras da época, tais como: humor, caricatura, paródia e mistificação.

A caricatura verbal de Graciano contribuiu para firmar um importante painel histórico do início dos novecentos. Neves firmou posição também em se valer do uso da paródia para dar conta do seu traço. Desse gesto parodístico de sínteses históricas e cientificistas que também agitavam as discussões políticas em torno de um projeto de nação para o Brasil, Neves formulou um tipo cômico, o engrossador, que detém a *virtú* sem quaisquer componentes éticos.

Caricatura permanente de indivíduos que disputavam espaço político na cena republicana e encontraram na bajulação atalho para ascensão política, o tipo engrossador é próprio de uma república na qual não há debate de ideias, muito menos uma rígida ética, protestante ou católica (para aludir ao Max Weber que foi fundamento da cordialidade de Sérgio Buarque de Holanda), mas servilismo e clientelismo:

Qualquer migalha de veneração é bastante para cativá-los e dar-lhes a ilusão do prestígio que não têm. Ora, quem dispõe de meios tão baratos para influir sobre o governo, ganhando-lhe prontamente as simpatias, e vai tentar baldados expedientes de oposição, é porque não tem o mais rudimentar preparo sociológico, nem a menor compreensão das necessidades políticas da atualidade.

Quem sabe engrossar governa (2016, p. 62).

O governo dos engrossadores contém a força da tradição de um riso político, um gracejo devidamente engajado contra o *establishment*. Como num grande teatro, a técnica do engrossador é apresentada, primeiro, como meio para captar a vaidade e, segundo, como encenação, ou seja, representar, executar a mímica. São dramatizações em que o cinismo e a dissimulação mostram-se ferramentas do cotidiano, práticas do bem-viver, caminhos para o sucesso e a estabilidade. Difícil conter o riso neste verdadeiro passo a passo em busca dos mimos do poder.

A rigor, o autor percorreu com sua paródia o discurso histórico-materialista, partindo de métodos que ilustravam o socialismo científico em crescimento na modernidade para, ironicamente, fundamentar sua *Doutrina* na mesma medida em que debocha das evidências do método. Em seguida, fez uso de expedientes teatrais e satíricos, marcando-se até mesmo como leitor de Diderot e Molière, modelos clássicos da sátira intelectual mordaz.

Mas foi como herdeiro de uma sátira moralizadora que parece o autor querer realmente se inscrever. Esta observação surge em conclusão de uma paródia em sentido literal que Graciano faz de Thackeray (1811-1863). A escolha do escritor britânico é feita para ilustrar o último capítulo da *Doutrina*, "A arte de engolir a pílula", e esclarece um conjunto de opções literárias realizadas por Graciano Neves, às quais ele se filia.

Thackeray publicou seus ensaios satíricos sobre os esnobes no longo *Punch*, periódico satírico britânico, e executou neles uma releitura dos *Caracteres*, de Teofrasto. O mesmo expediente fizera La Bruyère no século XVII, inspirando uma soma incontável de autores franceses. Graciano Neves propõe uma versão nacional do bajulador de Teofrasto, retirado de uma gíria carioca ligada à primeira República. Estes cânones conservam as valiosas contribuições de uma sátira moralizadora e apresentam a intenção de corrigir, ensinar, utilizar os tipos para denúncia de nossos graves vícios por meio de seu exagero manifesto.

No fundo, é uma sátira que nos coloca no espelho e apresenta o intelectual e a nação em tensão. A literatura dá conta de bem representar esta área conflituosa entre a ordem estabelecida e a possibilidade de autocrítica. Graciano Neves, autor humanista e herdeiro de uma tradição satírica que construiu tipos universais, teve na sua pena o contraponto à ordem vigente, atacando-a em seus efeitos, mas também a devida convivência com sua essência, da qual a gargalhada foi importante instrumento de naturalização.

Justiça feita, a obra e a atitude podem-se ler à luz do início da república brasileira e também nos dias de hoje. É fonte de trabalho literário zeloso e erudito, e

material histórico para apontar as contradições que nos ocupam na construção do cânone moderno.

Referências:

- MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.
- NEVES, Graciano. *Doutrina do engrossamento*. Organização, estudo e notas por Raoni Huapaya. Vitória: Edifes, 2016.
- PEDERNEIRAS, Raul. *Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1946.
- SIMÕES JR., Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Unesp, 2007.

A DOCTRINA DO ENGROSSAMENTO,
PELO DR. M. GUEDES JÚNIOR,
EX-DEPUTADO FEDERAL
(pseudônimo de Graciano Neves)

Prefácio

(do Exmo. Sr. Senador Federal, Melício de Seixas)

Estas linhas não espelham a banalidade comum da recomendação ao simpático leitor de um trabalho didático qualquer.

Escopo mais alevantado impõe à minha velha experiência de homem público – irresistível coação de estampar, em palavras breves, a grata emoção de meu espírito, ao meditar sobre essa obra que condensa o sentimento vitorioso da sociedade moderna.

A “*Doutrina do Engrossamento*” não é simplesmente um manancial fecundo de lições práticas para as regras do bom viver: é a mais preciosa consagração de ternura e de afeto que se pode prestar ao momento histórico de nossa querida pátria.

Quem remontar a fase guerreira do homem primitivo e estudar os primeiros ensaios da organização das tribos, a tendência natural desses núcleos humanos, imprimindo desde logo o espírito da disciplina coletiva ante a autoridade de um chefe; quem comparar esse estado rudimentar da antiguidade com a situação dominante da ordem no seio da organização social de nossos tempos, verá facilmente, na “*Doutrina do Engrossamento*”, desdobrada em paisagem encantadora e com a lógica irredutível dos fatos – toda a história da humanidade, sob as cintilações da verdade científica e do raciocínio filosófico.

Não há assunto ali abordado que não tenda para a prova substancial de uma questão que traduz o patriótico anseio de nossos dias: a necessidade de avigoração do elemento conservador da sociedade para garantia da ordem, assentando sobre esta o sólido arcabouço do capital e a consideração real de que é em torno dessa força única e fundamental que se operam todas as transformações sociológicas, se exercitam todas as reformas políticas e se realizam os festivais de todos acontecimentos humanos.

É da obediência salutar à autoridade constituída que germinam os rebentos mais viçosos da ordem, é sob a ação impecável dessa disciplina que argamassa-se e desenvolve-se a fortuna pública, e é no regaço protetor desta última, que a ideia da pátria cresce, avoluma-se e chameja nas manifestações mais palpitantes do sentimento comum.

Pátria, mera subjetivação de um ideal criado na permuta dos interesses da grande família humana, símbolo permanente do sentimento instintivo das raças que surgiram triunfantes na conquista do solo, não é hoje senão a mesma ficção que serve para determinar a sublime relação existente entre os povos, sob o ponto de vista dos grandes interesses econômicos.

E o que são esses grandes interesses senão o reflexo da grandeza material de um país, da opulência de sua cultura, da prosperidade de suas indústrias, da florescência de seu comércio, da real e efetiva existência do capital, única força alentadora do crédito público e de todas as energias morais de uma nação?

Por isso é que a preponderância do elemento conservador na sociedade gera a garantia mais eficaz do desenvolvimento progressivo do capital – esteio formidável que ampara, através de todos os embates, o prestígio sempre crescente dos governos constituídos.

Felizmente, em nessa estremecida pátria, a opinião pública já compreendeu a necessidade dessa doutrina; na consciência do povo, a aspiração de operar transformações no cenário político da federação republicana não viceja mais com o intenso furor de passadas lutas.

Nem as perturbações intestinas derivadas de revoltas malogradas, nem o expediente cansado e já desmoralizado dos processos eleitorais preocupam, em nossos dias, o ideal dos partidos.

Não há hoje veleidade que nutra esses doces sonhos de outrora, em que a esperança falaz dos políticos arregimentados criara para as crises agudas dos partidos a solução revolucionária da força ou a solução constitucional das urnas.

Uma fusão benfazeja de sentimentos e opiniões, quer do elemento reacionário e lutador, quer dos velhos apreciadores da soberania nacional, entronou triunfalmente na saliente culminância dos destinos políticos de nossa pátria – a dinastia do Engrossamento.

O espírito reinante da época inaugurou, sob os troféus das loucuras do passado, esse novo regime de paz,

de concórdia e de amor que será, no Brasil, o legítimo *Cyreneo* das instituições democráticas.

Enferrujem-se, pois, os punhais tintos de sangue fraticida; substituam-se dos canos das *Winchesters* as balas mortíferas dos combatentes pela doçura majestática de uma carga de *confettes*; arremesse-se para o pó dos museus, como fósseis dos megatérios antigos esses grossos canhões que espalham o terror nos campos de batalha; afundem-se os barcos em cujo o bojo encarcera a destruição os estilhaços da morte e pôr sobre a superfície serena da terra e do mar, que o filtro mágico da fraternidade bendita escoe – como o aljofre das manhãs alegre na corola delicada das flores – a ternura sedutora da obediência afetuosa nas profundezas do coração dos homens disciplinados.

Esse voto espontâneo, que explode de um peito sincero que já gozou da harmonia suave dos ditirambos dedilhados nas regiões elevadas do poder, exprime um conselho amigo à mocidade republicana, aquela que tem de escalar a trilha encantadora dos princípios da salutar “*Doutrina do Engrossamento*”.

Venho, encanecido nos labores do parlamento nacional, de um centro onde a eficácia das ideias ali expendidas determinou sempre para a posição política do representante do povo, farta compensação às dificuldades do mandato; e, da minha curul lustrada nos ensinamentos dessa doutrina consoladora, colhi, numa temporada feliz de apoio incondicional ao governo da república, fecundos resultados a maior satisfação de meus anelos.

Esse amorável desprendimento constitui, nos nossos dias, a vereda auspiciosa por onde deverá ascender até o vestibulo do poder, a aspiração da juventude patriótica!

E assim deve ser. Consolidar as instituições é a necessidade indeclinável do momento e a fórmula única por onde deve ser aferido o verdadeiro sentimento patriótico.

Assegurar confiança à administração pública do país, imolar, se tanto for preciso, como o velho Abraham, tudo quanto há de mais caro na vida para servir ao Senhor, fumegar na ara do sacrifício, em espirais de fumo vivificador, o incenso desse culto austero do bem, é uma obra meritória que só é dado praticar aos levitas do novo sacerdócio político.

Assim agindo, gozaremos de tranquillidade invejável em uma era de verdadeira regeneração nacional em que o elemento conservador do país, alicerçado na mais

eminente de suas garantias – a ordem pública – irá definitivamente, estabelecer a soberania de qualquer instituição política, a majestade gloriosa do capital.

Estas rápidas considerações sobre o valor inestimável de uma obra confiada ao juízo do modesto servidor da pátria que subscreve estas linhas, obedecem à sugestão imperiosa de meu devotamento à causa pública, no alvitre que vou sugerir aos governos dos Estados.

Aprendi em seis longos anos de estadio senatorial o dulcíssimo engenho de desempenhar satisfatoriamente as altas funções legislativas.

Todos os processos usuais na pátria por excelência do *pale-ale* e do *double stout*, de que nos fala Max O'rell, exercitados com maestria no parlamento da Inglaterra pela aristocracia conservadora dos *lords* britânicos, experimentei eu, em escala mais moderada, na alta câmara do meu país.

Posso, portanto, falar de cadeira e com a autoridade de um convencido que não impinge desacertados conselhos à inexperiência dos governos.

Verifiquei o que só os processos engrossatórios puderam vencer, em toda a linha, à mais irresistível das tendências negativas do governo da república.

Seria longo, enfadonho até, enumerar aqui os valorosos triunfos obtidos pela engenhosa combinação de planos estudados, quando tinha de enfrentar situação melindrosa, estando em jogo a habilidade profissional de minha acrobacia política.

Jamais, ufano-me em proclamá-lo, rancor presidencial, tédio administrativo ou má vontade do executivo, lograram imperar sobre a minha individualidade abatida, horas vitoriosas de altíssimo desdém.

Vencedor de todas as campanhas, onde a tática engrossatória apurou-se como tal evidência a despertar sinceras homenagens, sinto-me perfeitamente habilitado a afirmar que a "*Doutrina do Engrossamento*" do doutor Guedes Jr. vem assegurar incalculável prestígio a autoridade dos governos constituídos.

E é por esse motivo que, tratando-se de uma obra meritória como essa, magistralmente traçada por mão de eminente político, o meu dever, embora afastado das lutas partidárias, é selar com a responsabilidade de meu humilde nome e do meu passado senatorial, os belos ensinamentos que destilam de manancial tão propício ao regime das administrações republicanas.

É tal convicção de minhas ideias sobre as vantagens da doutrina engrossatória que, se tivesse a suprema honra

de dirigir qualquer dos estados da república, por delegação espontânea de meus concidadãos, não teria a menor dúvida em fazer adotar o importante trabalho na instrução pública, iluminando o espírito da mocidade das escolas com o faixo brilhante desses princípios vitoriosos.

Oxalá ecoassem esses sentimentos de real expressão no ânimo varonil de todos os beneméritos servidores de nossa pátria e estou plenamente convencido de que, sem esquivas tardanças, mais um ato de relevância patriótica anexariam eles ao já inestimáveis serviços prestados à república.

Se esse alvitre merecer as honras de uma aceitação razoável, bendirei o nome laureado do autor que magnânimas lições de patriotismos vai prodigalizar à esperançosa geração, de cujo seio já tem saído e há de sair ainda, mercê de Deus, os mais vigorosos representantes da soberania nacional.

Ao Congresso Federal (dedicatória)

Aos que são e aos que hão de ser...

Nunca, evidentemente, uma produção literária precisou tanto de uma Dedicatória, como o presente trabalho; e o autor daria uma prova antecipada e flagrante de insinceridade e incoerência, se não colocasse as suas humildes doutrinas sob a inovação de uma entidade ilustre e poderosa.

Se lhe fosse facultativa a escolha de um excelso nome, se o não houvessem retido delicados escrúpulos de parecer importuno e se a homenagem deste volume não representasse um preito tão insignificante, certamente o autor saberia a quem dedicá-lo, com o profundo respeito e o veemente entusiasmo que já tem manifestado em numerosos brindes de honra, como está pronto para sustentar com testemunhas absolutamente fidedignas.

Todavia, na cruel necessidade de não poder cumprir os votos mais íntimos do seu coração, recorrendo ao nome augusto que lhe não é dado publicar aqui, o autor entendeu que os mais rudimentares deveres de gratidão exigiam que esta Dedicatória fosse endereçada ao Congresso Federal, meio inestimável onde ele se aperfeiçoou nas artes sutis do Engrossamento.

Demais, sendo o Congresso Federal a meta cobiçada para que tendem ansiosamente os melhores esforços da mocidade contemporânea, e pretendendo o autor que a sua obra tenha antes de tudo algum valor didático, nenhuma outra dedicatória poderia ele escolher que englobasse mais precisamente as aspirações.

O autor nutre – ainda que presumidamente talvez – a ambição patriótica de formar a mocidade para o Congresso Federal, a quem ele consagra este trabalho modesto como a escola superior da resignação e da docilidade política.

Advertência

É uma regra elementar de lógica, ao alcance do mais simples bom senso, investigar as leis naturais nos casos de maior inteligibilidade, quando as condições primordiais dos fenômenos ressaltam com mais energia por entre as circunstâncias secundárias que geralmente as ocultam.

Assim, Galileu aproveitou as condições favoráveis da queda dos corpos segundo um plano inclinado, para descobrir as leis do peso; assim, Buckle modestamente escolheu o seu país, a Inglaterra, como o exemplo histórico mais característico que é possível encontrar para o estudo geral do cepticismo humano.

Do mesmo modo, desejando conseguir algumas induções engrossatórias, estudamos os fenômenos correspondentes no caso político, onde eles afetam todas modalidades irreduzíveis que se podem plausivamente exigir numa mesma manifestação concreta do Engrossamento.

Adquiridas as noções gerais que se podem obter nessas condições de universalidade, fáceis se tornam as aplicações aos casos particulares.

O indivíduo que conhecer solidamente os princípios do Engrossamento político está aparelhado para exercitar com superioridade todas as minúcias engrossatórias empregáveis no exercício das outras profissões; e, mesmo quando ele veja malogradas todas as suas aspirações políticas, nem assim foi um tempo desperdiçado o que empregou na espécie engrossatória respectiva, porque as manhas adquiridas servem para triunfar num outro ofício.

Por isso só tratamos, nesta obra, do

Engrossamento Político.

Advertimos, outrossim, ao leitor que não temos a intenção de preconizar os nossos méritos profissionais, com vistas numa secreta candidatura.

E desde já declaramos que não somos candidates, salvo se a Pátria (a nossa, a de nós outros, os engrossadores políticos) periclitar por tal maneira, que os nossos amigos e correligionários julguem indispensável que devemos levar conosco ao seio da representação nacional um germe vivaz de disciplina e de obediência ao prestígio da Autoridade.

Introdução Fundamental

Não foi decerto a semelhança da conformação, nem o sentimentalismo do amor ao próximo, que atraiu e associou os primeiros homens, quando eles erravam nus, ferozes e famintos, de terra em terra, à cata de alimento e de abrigo.

A necessidade comum de uma mesma espécie de alimentação e a veemência do instinto sexual, suscitando uma concorrência incessante e encarniçada entre os homens primitivos, é que fizeram surgir, através de bárbaros combates de indivíduo a indivíduo, os primeiros ensaios de associação.

Mais bem dotados em organização cerebral do que todos os animais coexistentes, os homens compreenderam afinal, pela reiterada experiência dessas lutas improfícuas, a vantagem da congregação de esforços para o conseguimento da satisfação pessoal.

Esclarecidos acerca das condições da sua existência, os homens se agruparam em tribos; e, obtida uma segurança individual, pela obrigação de recíproca defesa, eles conseguiram para as suas aptidões mentais uma liberdade correlativa de expansão e cultivo, que imprimiu às lutas de então por diante feridas entre essas primeiras agremiações humanas uma feição mais inteligente, mais inventiva e por isso mesmo menos feroz, começando ao mesmo tempo a esboçar-se um certo regime de disciplina social, principalmente baseada na obediência ao mais forte.

Entretanto, a posse do alimento e da fêmea continuava a ser a causa essencial das guerras travadas entre as diversas tribos, como ainda hoje se nos oferece

verificar nos costumes dos nossos selvagens mais preservados da ação civilizadora, os quais motivam ainda ordinariamente as suas lutas na ocupação de territórios abundantes de caça e pesca, e na aquisição de mulheres.

Absorvidos perpetuamente nas preocupações exclusivas da alimentação e da guerra, sem cessar urgidos pela fome ou pelo terror dos inimigos de toda sorte que os cercavam, os homens primitivos, sem vagares nem aptidões para indústria alguma, eram forçados a disputar entre si os produtos animais e vegetais, espontaneamente oferecidos pela natureza.

Como, porém, os comestíveis assim obtidos não podiam ser, nem pela abundância, nem pela qualidade, susceptíveis de ser armazenados ou conservados, de modo a constituírem uma reserva alimentar considerável, devemos concluir que os grupos humanos das idades primitivas haviam de ser forçosamente reduzidos e nômades.

Somente quando favoráveis circunstâncias topográficas de fertilidade e defesa consentiram os primeiros ensaios da agricultura e da indústria pastoril é que a população pôde fixar-se e condensar-se numa mesma região.

A defesa das terras cultivadas e dos rebanhos – isto é, das reservas alimentares – tornou-se o dever de cada um; e como os cuidados da guerra tornavam-se menos absorventes, já pela fixação ao solo, já pela garantia da alimentação, e já pelo número mais compacto de indivíduos congregados a bem de uma mesma causa, puderam enfim surgir e funcionar as mais espontâneas aptidões humanas.

Foi essa a maneira invariável pela qual se formaram as grandes sociedades.

Nos lugares privilegiados em que a exuberância dos produtos naturais bastava para a alimentação quotidiana das tribos, vemos que a civilização não pôde incrementar-se; e do mesmo modo nos lugares inacessíveis, como nas ilhas da Oceania e nas regiões de clima áspero, como na Terra do Fogo e em todas as zonas frígidas; porque nessas condições as lutas haviam de ser necessariamente pouco frequentes, tanto pela facilidade de arranjar comestíveis, como pelo isolamento das tribos.

O sisudíssimo Buckle não fez mais do que servir-nos um pouco de retórica quando disse que o selvagem brasileiro foi reduzido à insignificância pela majestade da natureza ambiente.

A explicação da barbárie dos nossos indígenas

reside antes no fato de terem sido a fauna e a flora do Brasil tão abundantes, que qualquer tribo podia subsistir indefinidamente numa estreita zona, sem concorrência séria das tribos vizinhas.

Quanto às populações das zonas glaciais, a aspereza do clima, livrando-as de incursões estranhas, manteve-as num estado inalterável de embrutecimento.

Em toda a superfície do globo foi a guerra que associou os homens, obrigados a se agremiar para a conquista e para a defesa dos mantimentos.

E foi a influência das reservas alimentares que facultou a fixação e a expansão contínua das associações humanas, o que equivale a dizer que foi a instituição do Capital que formou as sociedades.

Todas as aptidões humanas mentais e morais só avultaram e só se exercitaram com alguma intensidade depois que a alimentação ficou garantida por largo prazo. Enquanto isso não aconteceu, só os mais baixos instintos do homem é que funcionavam ardentemente empregados na aquisição diária do comestível.

Com a abundância da comida, finalmente assegurada pela inauguração da indústria agrícola e pastoril, surgiram progressivamente os grandes afetos do coração e as altas elaborações da inteligência.

Mesmo a Família, sob a forma característica de monoandria sistemática que ainda hoje vigora, aquilo que vulgarmente se considera como a mais espontânea das associações humanas, só poderia ter aparecido quando o homem tivesse adquirido meios para sustentá-la, quando lhe tivesse sido possível acumular gêneros alimentícios, o que só pôde acontecer depois das primeiras conquistas industriais.

Assim como a tribo foi instituída para defender a propriedade comum aos seus diversos membros, a Família o foi para guardar o tesouro doméstico, a propriedade particular.

O amor – essa coisa que nós hoje consideramos como uma necessidade imprescindível para o coração humano – assim como o ideal e a poesia, a piedade, a misericórdia, todas as mais requintadas manifestações afetivas do homem moderno, nunca existiram nos primitivos bárbaros.

Ao passo que o Capital se acumulava, ao passo que a existência do indivíduo e da sua família ia-se facilitando pela garantia sempre crescente de recursos alimentares, as faculdades humanas mais elevadas iam gradualmente se

acentuando e desenvolvendo.

Como disse Karl Marx – sem contudo aprofundar o problema –, a religião, a política e a ciência são simples epifenômenos do fenômeno econômico.

Primo vivere, deinde philosophare – é um preceito que tem o cunho vitorioso da evidência; e tanto mais tempo temos para filosofar, quanto maior é a nossa facilidade de subsistir.

A crítica acadêmica, hipocritamente enfática, poderá observar com pieguice, como fez o gentil filósofo Alfred Fouillée, que a vida é mais do que a nutrição e que o homem é superior ao seu estômago. Mas o que há de ser eternamente uma verdade irrefutável é que a vida e nutrição é a base essencial de toda existência e o ponto de partida indispensável de toda vida de relação.

A biologia severamente nos ensina, tanto pela observação do indivíduo como pela observação da espécie, que a vida de relação é apenas um aperfeiçoamento lentamente superposto à vida vegetativa sem que uma diferença nítida separe de modo brusco essas duas manifestações da existência animal.

Ao contrário, podemos legitimamente considerar a vida de relação como um caso especial de atividade nutritiva, pois que todos os fenômenos vitais devem ser logicamente submetidos a um supremo determinismo físico-químico.

Semelhantemente, se examinarmos com atenção as condições da estática e da dinâmica social, chegaremos infalivelmente à conclusão de que o Capital é o fator mais decisivo da Ordem e do Progresso.

O fenômeno nutritivo está para a economia animal, assim como o Capital está para a existência social.

Não são precisos grandes esforços de interpretação histórica para reconhecer que é sempre uma questão econômica que decide da marcha de uma sociedade qualquer.

O mais rápido golpe de vista, lançado sobre a história geral da evolução humana, basta para que percebamos a insubstituível influência exercida pelo Capital nas grandes transformações políticas que em toda a parte significaram um avançamento feito na direção do progresso como por exemplo a separação progressiva dos poderes sociais, a especialização contínua do trabalho e a extensão crescente das relações individuais.

Nem a religião, nem a política, nem a ciência teriam atingido a um alto grau de desenvolvimento, se as sôfregas

ambições individuais não tivessem egoisticamente trabalhado para acumular riquezas, aumentando inconscientemente o Capital humano.

Quando em certas épocas da História algumas populações deixaram de trucidar sistematicamente os seus prisioneiros de guerra, preferindo submetê-los à escravidão, podemos acreditar piamente que não foi um sopro repentino de piedade que lhes varreu do coração inveterados costumes de selvageria; e, se os vencedores pouparam então os inimigos vencidos, foi por espírito de cupidez, para terem quem lhes multiplicasse as riquezas, o que entretanto não deixou de ter sido favorável ao progresso social.

A fixação ao solo, acarretando imediatamente a instituição da propriedade e facilitando a subsistência individual, incutiu no homem o amor do Capital que lhe deu as primeiras comodidades sólidas da vida e, por um efeito fácil de compreender, principiou a lhe abrandar a ferocidade dos instintos, até então empregados na aquisição difícil e precária do alimento quotidiano.

Os primeiros combates humanos se travaram pela disputa feroz do comestível; e, logo que este pode existir e ser reproduzido com abundância, as lutas foram proporcionalmente se atenuando.

É o mesmo fato que se repete em nossos dias: – enquanto um indivíduo não dispõe de propriedade é indisciplinado, audaz e rancoroso contras as leis que a protegem; mas logo que chega a possuí-la por qualquer eventualidade, torna-se homem da ordem, cidadão pacato e metódico, inimigo figadal de toda rebelião.

[...]

A História da Humanidade não é mais do que uma História do Capital: e toda ordem política tem repousado exclusivamente sobre a instituição da Propriedade.

A fatalidade da evolução social determinou que, à medida que se acumulassem as reservas criadas pelo contínuo trabalho humano através dos séculos, fosse simultaneamente a Propriedade delas se centralizando nas mãos privilegiadas de um número cada vez menor de possuidores.

Ora, fatalismo e otimismo são expressões equivalentes de uma mesma idéia.

Se a História nos ensina que a Propriedade tende a ser monopolizada por certos órgãos sociais cada vez menos numerosos, devemos acreditar que essa condição é absolutamente indispensável e propícia à marcha da

civilização.

Efetivamente, se pudéssemos imaginar que todas as diversas formas passadas da legislação tivessem conseguido a dispersão do Capital humano num regime nivelador e contínuo de pequenas propriedades com toda a certeza o progresso social não teria alcançado o grau de desenvolvimento que revela em nossos dias.

A mais ligeira observação dos fatos atuais é suficiente para mostrar-nos que as mais maravilhosas conquistas da indústria moderna dependem muito menos das descobertas científicas do que da ação formidável do Capital centralizado.

E não é hoje dificultoso de verificar que, se os grandes capitais fazem o progresso industrial, reciprocamente o progresso industrial tende continuamente a concentrar os capitais nas mãos de um número cada vez mais limitado de proprietários.

Contemplando atentamente a evolução histórica que é a base exclusiva de toda a ciência social, vemos que o acréscimo do Capital humano e a influência crescente da Propriedade foram e continuam a ser os elementos principais da civilização e da ordem.

Ou consagrada por um privilégio nobiliário ou adquirida pelo triunfo individual através da cerrada concorrência econômica dos nossos dias, a Propriedade foi e é a base imprescindível de todos os governos.

Os termos do conflito político continuam a ser perpetuamente os mesmos: de um lado os que desejam conservar o que possuem e do outro lado os que desejam possuir o que os outros conservam.

Os governos só se consolidam quando representam os interessados das classes mais fortes; e a força só se faz respeitar quando funciona sob o prestígio das classes conservadoras mais bem dotadas para alcançar a vitória na concorrência social.

Força e conservantismo são os conjugados eternos da Ordem; e nem se pode conceber a existência de um sem a existência paralela e vigilante do outro.

Conservação quer dizer força, e força quer dizer governo.

E abstratamente podemos enunciar: a força é diretamente proporcional ao conservantismo.

Proteger os privilégios da Propriedade ou morrer – tal é a alternativa de todos os governos.

Por isso é que as classes conservadoras, tão eminentemente covardes e tão profundamente antipáticas

a qualquer movimento revolucionário, cedem imediatamente nos desvarios passageiros da força, porque sabem instintivamente que ela só poderá organizar-se e subsistir com a aliança indispensável do conservantismo.

Adquirida pela força, pelo privilégio ou pela livre concorrência econômica, a Propriedade há de ser sempre e cada vez mais uma exceção; mas é essa exceção preponderante que sustenta os governos, subvenciona os exércitos e assegura a Ordem, pois que as organizações contemporâneas não são mais do que simples delegações da oligarquia financeira que dispõem do Capital.

Se num momento se pudessem anular todos os códigos que protegem o direito de Propriedade e se deixassem imparcialmente concorrer todos os indivíduos, à medida das aptidões de cada um, na aquisição das riquezas, veríamos que o resultado econômico seria o mesmo de hoje, tão rigorosa é a fatalidade que preside a evolução humana.

Contra essa inquietável condição social têm naufragado miseravelmente as quimeras sempre renascentes e sempre malogradas da Justiça e da Igualdade.

Sob as cores mais flamantes de entusiasmo político, com que se adornam os programas individualistas, só existem aspirações egoístas de satisfação pessoal, ódios implacáveis dos indivíduos insatisfeitos contra o Estado defensor eterno dos satisfeitos.

A ciência, com as suas excitações ao orgulho e as suas divinizações da razão individual, preparou desastrosamente o espírito humano para reivindicações impossíveis e perturbadoras.

No dia em que o homem, cheio de fé nos seus pretensos direitos, quis experimentar o valor das suas novas forças, achou-se subitamente desarmado e débil contra o aparelho inexpugnável da Ordem econômica, só logrando amargar-se ainda mais acerbamente na consciência da sua irremessível situação.

O insucesso estrondoso da grande revolução de 89, as provas irrefutáveis oferecidas pelo mau êxito dos seus quase sobre-humanos esforços da incapacidade orgânica dos princípios democráticos já deviam ter vulgarizado no espírito da geração atual a completa inanidade de qualquer reforma política que se inspire na tese individualista.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade são coisas que mutuamente se destroem, idéias absolutamente incompatíveis, aliadas à força, misto de ingredientes

disparatados onde se enxerga logo uma combinação de invejas mal disfarçadas.

[...]

Se as democracias já são pela sua natureza intrínseca a mais instável forma de governo, imaginemos que terreno favorável não serão elas para o florescimento da anarquia, quando se complicarem com a pobreza industrial.

A História da República Brasileira é um exemplo fecundamente instrutivo do quanto pode o atraso econômico numa democracia.

No Brasil – pela sua vastidão territorial, pela insuficiência de capitais até certo ponto relativa a essa condição geográfica, assim como pela fraqueza comercial do povo que o colonizou – a agricultura sempre foi precária e qualquer outra indústria irrisória.

Substituindo uma pobre monarquia que nunca passou de uma curiosidade americana, que só pode viver de escravatura, mas que soube nobremente resgatar as suas faltas, suicidando-se pela causa da abolição, a República só veio encontrar a pobreza e agravá-la com perturbações democráticas.

Ademais, num país em que tem grassado ininterruptamente a absurda vaidade acadêmica, a ridícula aberração pedagógica de impor à melhor parte da mocidade o flagelo inevitável do doutoramento e do bacharelado, há de por força ficar perturbando a existência das classes trabalhadoras e ativas um núcleo excessivo e ocioso de indivíduos que sempre acabam por tentar as aventuras da política, como um meio de vida.

Uma grande deficiência de capitais; uma malta enorme de cidadãos inaproveitáveis e doutorados, não podendo funcionar nas suas respectivas profissões pela compacta concorrência de colegas inumeráveis nem em outro ramo qualquer de atividade, por falta de tirocínio especial; um regime democrático novo e ainda mal-assegurado: eis uma soma bastante de maus requisitos para atrair a confusão ao seio de um país.

Nem há terreno mais propício para a pululação das profissões políticas, em toda a sua crassa exuberância, do que seja uma democracia pobre.

Indivíduos diplomados à força, sem gosto nem aptidões para alcançar triunfo e reputação nas diversas disciplinas em que se formaram, pervertidos além disso por uma inveterada ociosidade contraída na longa frequência das academias, dedicam o restante das suas habilidades à

conquista das posições eletivas que as democracias fracas e pobres tão profusamente facultam às mais obscuras ambições.

Desde que os cargos mais elevados são postos ao alcance das mais grosseiras audácias, é evidente que os indivíduos mais arrojados e mais triunfalmente cínicos não de arriscar tudo, pois que nada têm a perder, para agarrar uma situação vantajosa que nunca poderiam conseguir pelo seu mérito profissional.

Daí um conflito tumultuoso de ambições desordenadas que não repugnam aos mais violentos processos, contanto que possam empolgar a autoridade.

Entretanto tão imperiosa é a necessidade da Ordem, mesmo para a satisfação dos mais desregrados apetites individuais, que os nossos políticos já vão percebendo a ineficácia das práticas sediciosas; e por outro lado, os governos vão se capacitando de que é preciso coarctar as liberdades públicas e inutilizar as perniciosas agitações eleitorais, falsificando judiciosamente os resultados adversos do sufrágio popular.

A experiência de rebeliões falhadas e de campanhas eleitorais perdidas desanimaram consideravelmente todos os instintos oposicionistas; e todo mundo está hoje compenetrado, tanto da impraticabilidade das reivindicações armadas, como da impossibilidade absoluta de galgar ao governo por intermédio das urnas.

Nem por isso, todavia, as ambições políticas perderam de atividade: – ao contrário, flexíveis e sagazes, elas descobriram nessa nova ordem de coisas um regime muito mais favorável, muito mais fácil e seguro para o andamento das aspirações individuais do que os incômodos processos revolucionários e as enfadonhas canseiras das eleições.

Nos diversos Estados da República as lutas se inauguraram com inaudita ferocidade para a conquista da supremacia política: desde a injúria mais grosseira até a mais transcendente calúnia, desde a desobediência traiçoeira às leis até a deposição ostentosa dos governos, tudo eram boas traças de guerra para o assalto das posições.

Entretanto, devemos reconhecer com justiça que os nossos profissionais logo abandonaram esses processos infantis, apenas compreenderam, após alguns desastres significativos, a sua radical insuficiência.

Na impossibilidade de derribar o governo pela revolução ou pelo triunfo eleitoral, os políticos brasileiros,

com inegável perspicácia, tomaram o partido oposto de aderir incondicionalmente aos interesses da autoridade atual.

De fato, já que a eleição e a revolução têm demonstrado tão limitada eficácia, o indivíduo ambicioso e hábil, em vez de procurar depor ou derrotar o governo, deve preferir o programa mais simples, mais rápido e mais proveitoso de pôr-se no governo.

A História da política republicana nos diversos Estados da União é, a esse respeito, profundamente instrutiva: – os representantes dos primeiros partidos guerrearam-se furiosamente com prodigalidade recíproca das mais indelévels injúrias, até que uma das facções aboletou-se definitivamente no governo; a parcialidade vencida, ainda não edificada pela prática desanimadora da oposição continuou a tomar a sério o seu papel de hostilização sistemática, e assim foi vivendo ingenuamente, ora desanimada, ora cheia de esperanças, até que a lição dos tempo fez-lhe entender a inutilidade de toda oposição; e então, após esses ensinamentos dolorosos, os adversários mais astutos tiveram a inspiração fecunda de se conformar com a política vitoriosa, concorrendo até com os mais antigos e fiéis partidários do governo para a posse das melhores colocações.

Não podendo alcançar posições elevadas por meio da luta, os opositoristas tiveram o louvável bom senso de conquistá-las por lisonjeiras adesões aos poderes dominantes, abjurando magnanimamente ferrenhos e injustos rancores partidários.

[...]

A essa descoberta feliz e admiravelmente oportuna a voz pública afixou o nome de Engrossamento.

Ora, quando no meio da linguagem de um povo aparece um vocábulo com sentido novo, que todo mundo apressa-se em adotar, é porque avultou paralelamente uma idéia nova, latente e palpitante em todas as inteligências, esperando apenas uma expressão adequada e pitoresca que a define e populariza.

O vocábulo assim instituído, ao mesmo tempo que indica o auge de uma aspiração intelectual, encerra em sua morfologia própria uma significação tão saliente da necessidade que veio satisfazer, que basta examiná-la superficialmente, para adivinhar o fato que ele se propõe reproduzir.

Como sempre acontece nessas profundas e obscuras criações sociais, ninguém sabe quem primeiro

formulou o sentimento universal.

Pouco importa saber qual o indivíduo que primeiro pronunciou a expressão geralmente procurada. O que requer atenta consideração é a circunstância de ter sido instantaneamente e unanimemente adotado.

Quem lhe percebe o alcance, quem lhe sanciona a construção etimológica é a inteligência coletiva do povo: – e nem é de outra maneira que se enriquecem os vocabulários.

Quando o público se tiver apropriado de uma expressão nova, se formos averiguar das relações existentes entre o termo criado e a significação que lhe é conferida, veremos com quanta sagacidade ele sabe construir e valorizar os vocábulos que inventa.

[...]

Engrossamento quer dizer na significação moderna uma delicada e inteligente espécie de adulação, uma fina combinação de servilismo, hipocrisia e egoísmo, alguma coisa enfim de eminentemente salutar para os interesses do indivíduo e da sociedade. Na acepção antiga Engrossamento é aumento de volume, alargamento de dimensões, o que se pode traduzir em robustecimento, fortalecimento, consolidação.

Aliando essas duas significações, vemos que o espírito público atribuiu aos processos engrossatórios o destino social de consolidar a ordem política, e realmente não foram as habilidades nem os decretos dos governantes que conseguiram esta soma de tranquilidade que há pouco tempo se observa na República Brasileira.

Assim que os indivíduos perturbadores, os políticos profissionais, compenetraram-se da ineficácia da oposição para ganhar o poder – passaram logo a aderir ao governo, dando-se aliás perfeitamente com essa simpática palinódia, o que decidiu a maioria dos ambiciosos a adotá-la como processo mais fácil de sucessão governamental.

E é somente dessa feliz transformação dos costumes políticos que se deve datar o advento da verdadeira consolidação da República.

Seduzir o governo em vez de atacá-lo é o único meio certo de alcançar as mais apetecíveis posições, e a mais aprazível forma de concorrência democrática, que – uma vez consagrada pela filosofia da História – há de extinguir os mais pudibundos escrúpulos e inaugurar para a Federação Brasileira um sólido regime de Ordem.

Nem outro fito presidiu à confecção desta obra sucinta, senão demonstrar à luz da ciência social a

oportunidade política do Engrossamento, o seu valor orgânico e o profundo bom senso do povo que o instituiu como processo sistemático para atenuar a anarquia democrática.

Nada mais lisonjeiro para o nosso amor próprio nacional do que a admirável penetração com que os nossos concidadãos descobriram a futilidade dos entusiasmos republicanos e definiram, num vocábulo eloquente e preciso, o programa requerido pelo momento atual: – penetração prodigiosa, considerado o pouco exercício que temos de regime democrático.

Que os patriotas, com edificantes exemplos práticos, incutam no espírito público as vantagens materiais e a superioridade social do Engrossamento, e o Brasil caminhará com passo rápido para o seu destino de grandeza política e econômica, podendo em breve prazo ser citado como um modelo invejável de tranquilidade e disciplina.

Justificação histórica e política do engrossamento

E o louvor altos casos persuade.

Camões

A mocidade, para cuja instrução este livro é expressamente preparado, toda pundonorosa e cheia de paixão pelas coisas ideais, há de chocar ao primeiro exame, com a preconização do Engrossamento, atribuindo-nos uma repulsiva aberração moral.

Felizmente, porém, em nossos dias de cultura intelectual a todo transe, a mocidade é a primeira a se entusiasmar com as mais desoladoras descobertas científicas, sempre pronta a emancipar-se dos mais amados preconceitos, contanto que eles sejam batidos sob o aparato da razão teórica.

E por isso temos todo o direito de acreditar que ela não fará dúvida em abdicar-se das suas belas ilusões de independência, logo que se tiver convencido de que a reabilitação do Engrossamento é rigorosamente justificada pelas conclusões da ciência.

Já os mais acreditados sistemas filosóficos dos tempos contemporâneos conseguiram destruir a doutrina

do livre arbítrio, arrancando do espírito humano a sedutora ficção da sua espontaneidade, única base sobre que assentava o pavoroso dogma da responsabilidade moral.

Somos irresponsáveis como tudo quanto existe.

E não seja isso motivo para desferir lamentações e chorar as misérias da nossa natureza.

Desde que percebemos que uma fatalidade pesa sobre nós, devemos aceitá-la sem recriminações tão estéreis quanto ridículas, submeter-nos a ela com resignação, procurando até descobrir-lhe atributos de bondade.

O que não tem remédio remediado está – é o mais consolador de todos os rifões.

Não há nada mais eficaz para dar paciência nos infortúnios do que a panacéia calmante formulada pelo Dr. Pangloss: – se tudo existe para um certo fim, dizia o douto preceptor de Cândido, há de ser necessariamente para o melhor fim. De fato, desde que uma coisa tem de acontecer irremessivelmente, ela é a melhor possível, porque não temos a liberdade de optar por coisa diversa.

Ora, se o Engrossamento é uma lei fatal da História, um dado indispensável da civilização humana – como havemos de demonstrar, embora por alto – somos forçados a concluir que ele é benfazejo e louvável. Para avaliar à primeira vista da sua grande importância social, basta considerar a profusa sinonímia que ele comporta.

Desde as odiosas vozes de servilismo, sabujice, adulação etc., contra as quais se revolta hoje com justiça o nosso melindre, até o termo inofensivo e conceituoso de Engrossamento – é fácil de observar que a ação que ele representa veio gradualmente perdendo através das idades a má reputação com que era antigamente estigmatizada e ganhando aos poucos a consideração de que goza nos tempos presentes.

Por certo o servilismo fez na Antiguidade um papel mais visível, mais grosseiramente ostensivo, do que a função que o Engrossamento desempenha em nossos dias. O maior gênio que a humanidade tem conhecido, o espantoso Aristóteles, nunca pôde conceber uma organização social em que não entrassem escravos.

O Engrossamento começou humildemente pelo servilismo, por este sentimento canino e baixo de terror do mais forte, sem reflexões, sem arte e sem consciência do seu valor orgânico; mas, se a ação irresistível dos séculos lhe tem subtraído grande parte da energia primitiva, em compensação lhe tem imprimido o grau de intelectualidade,

de finura estética e de eficácia política que o tem feito tão interessante, tão deleitoso e tão intensamente cultivado.

A obediência é uma necessidade eterna. Já o ilustre Comte afirmou que ela é a base do aperfeiçoamento.

Inegavelmente o indivíduo humano tem conquistado uma certa independência relativa, libertando-se pouco a pouco da antiga condição servil, até atingir o limite de mínima subordinação que a política moderna traçou, além do qual não é possível passar, sob pena de dissolução social.

Servilismo ou Engrossamento, o que existe no fundo de ambos é a sujeição ao mais forte, quaisquer que sejam as diferenças exteriores. Mas no Engrossamento a obediência é repassada de ternura, realçada por cativantes aparências de dedicação com que o subordinado, dando-se ares de amorosa submissão, acaba por oprimir o senhor sob o jugo amável, porém tirânico de amolecedores afagos.

Encurralado pela necessidade amargamente reconhecida da obediência ao mais forte e da dependência recíproca que escraviza todos os indivíduos uns aos outros, o homem viu-se obrigado a professar as artes do Engrossamento, com todos os seus acessórios de amor ao próximo e todas as suas cerimônias de boa sociedade, para amortecer os choques da concorrência social sob a maciez de obrigatórias indulgências, classificando de virtude aquilo que é fatalidade especial à existência coletiva.

No mais íntimo sentir de todas as consciências modernas, a subordinação é um estado odioso de que todos procuram incessantemente fugir, mas, ao qual se submetem com silencioso rancor quando lhes percebem a invencibilidade, procurando depois colorir essa resignação forçada com o aspecto do que está cumprindo um delicioso dever.

Graças a esses recursos otimistas a humanidade vai vivendo e caminhando sem maiores atropelos, dourando com filosofias amenas as condições mais ásperas da sua existência, anestesiando-se por um processo de autossugestão contra as dores infinitas da vida.

Se a obediência é uma condição essencial para as associações humanas, pratiquemo-la com boa cara, sem revoltas infrutíferas, e lembremo-nos consoladamente de que ela não é hoje uma virtude muito difícil de exercitar. Em certa fase da evolução histórica o vencido que escapava do massacre era reduzido a uma escravidão cruelíssima; durante a mais alta expansão colonial de Roma os escravos podiam chegar a libertos influentes, poderosos e ricos;

durante a Idade Média os servos sob a proteção dos reis foram se emancipando gradativamente até conquistarem privilégios de homens livres; e de todas essas espécies de oprimidos saiu afinal a poderosa Burguesia contemporânea, herdeira universal de tudo quanto legaram as gerações extintas.

A cada uma dessas fases de desenvolvimento social correspondeu um grau cada vez menor de sujeição do indivíduo humano e uma manifestação cada vez menos abjeta de servilismo, até ser atingido o regime normal e insuperável do Engrossamento, em que a obediência é exigida no mínimo e a honorabilidade da bajulação avaliada no máximo.

O Engrossamento mitiga os males da subordinação, ao mesmo tempo que fortalece o prestígio da Autoridade e facilita as ambições do indivíduo. Desde que o homem viu-se constrangido a dobrar humildemente sob o jugo insacudível de um certo Poder, ele compreendeu a vantagem de propiciá-lo com lisonjeiras homenagens, para minorar-lhe a tirania; – e daí as cerimônias engrossatórias.

Simultaneamente, tendo de submeter os indivíduos uns pelos outros, os supremos chefes políticos viram-se forçados a ser protetores e bondosos para os seus adeptos, tornando-se tanto mais tolerantes quanto maior for o número deles.

Quanto mais geral for a docilidade dos governados, tanto mais generosa e menos despótica será a atitude dos governantes.

E acrescentemos logo que não haja por honra de natureza humana, o vão receio de que uma Autoridade unanimemente obedecida seja capaz de abusar com monstruosos excessos da sua elevada oposição para tiranizar as pessoas que lhe forem sujeitas¹.

São os detestáveis, irracionais e improdutivos ataques oposicionistas que deslocam o governo da sua serena moderação, obrigando-o à legítima defesa da própria existência. As oposições sistemáticas (como todos os fatos políticos provam à saciedade) são indisputavelmente os piores fatores de tirania.

Quando o governo por acaso comete um erro político ou administrativo, o melhor meio de chamá-lo à razão é um apelo modesto, cheio de comedimento, sem nenhuma intenção de aproveitar malevolamente uma falta

¹ Washington achava absurdo o receio que muita gente ainda tem de que um homem assuma o poder, mude subitamente de índole e não conserve senão disposições para oprimir o seu semelhante.

involuntária para vilipendiá-lo. Irritá-lo com censuras despropositadas é revelar um desejo perverso de que ele não reconsidere as suas más ações, e provar conseqüentemente uma soberana indiferença pela coisa pública.

O oposicionismo a todo transe, essa espécie sonora e campanuda que tanto delicia os gostos fáceis da vasta imbecilidade humana, é o mais triste expediente de que podem usar os ambiciosos, e o menos eficaz dos processos para influir na marcha da governação.

Bem sabem os mais inocentes políticos que todos os raptos patéticos dos oposicionistas não são de modo algum ardentes revelações de amor à pátria ou mesmo à retórica, e sim evidências de ínfimos despeitos e de cobiças malogradas. Para felicidade e para glória da República a maioria da opinião nacional tem desmoralizado consideravelmente essa irrisória doutrina da hostilização quando mêm, apoiando com os seus inteligentes sufrágios o programa salvador do Engrossamento.

[...]

Qualquer migalha de veneração é bastante para cativá-los e dar-lhes a ilusão do prestígio que não têm. Ora, quem dispõe de meios tão baratos para influir sobre o governo, ganhando-lhe prontamente as simpatias, e vai tentar baldados expedientes de oposição, é porque não tem o mais rudimentar preparo sociológico, nem a menor compreensão das necessidades políticas da atualidade.

Quem sabe engrossar governa.

Por meio do Engrossamento todos os indivíduos ambiciosos e hábeis podem ter participação no governo, constringendo-o à força de carícias a ser complacente e bem ouvido. Desta forma institui-se um regime bem equilibrado, onde a parte mais preciosa e mais ilustre da opinião pública poderá influir continuamente sobre todas as decisões governamentais.

A sabedoria anônima e infalível das massas descobriu que o Engrossamento é o único remédio eficaz para debelar a anarquia democrática, fundando uma espécie de obediência duplamente propícia ao indivíduo e ao Estado, comutando a rivalidade aparente destas duas forças numa conciliação definitiva entre ambas.

Significa essa criação popular uma compreensão vaga porém enérgica das leis da continuidade histórica, sem as quais toda existência social seria impossível.

Fundada sobre a base da submissão ao mais forte, a sociedade só pode viver pela obediência; e a própria

expansão puramente individual, naquilo que tenha de possível, há de sujeitar-se a essa condição impreterível.

Durante os tempos da monarquia hereditária de que gozamos tão pouco, já se ia formando lentamente um certo espírito de cortesias produzido pelo modo de subordinação relativo a essa espécie de governo.

Alijada a monarquia e vencedora a República, era natural que esse cabedal de costumes políticos se transformasse e persistisse sob uma forma qualquer. Nada se perde na natureza – disse Lavoisier.

Por isso a obediência cortesã ressurgiu encarnada e felizmente aperfeiçoada sob moldes modernos do Engrossamento. É o eterno respeito hierárquico revivendo através de todas as transformações políticas.

[...]

Toda ação humana é a um tempo egoísta e altruísta: – egoísta no que aproveita ao indivíduo; e altruísta no que aproveita à comunhão social.

Não há nada mais ocioso do que a interminável controvérsia filosófica sobre a origem dos sentimentos morais. Que eles tenham nascido sob a inspiração primordial do utilitarismo, e do interesse individual – como acredita Spencer – ou da predominância progressiva dos instintos simpáticos – como afirma Augusto Comte – pouco importa saber para os efeitos práticos.

Egoísmo e altruísmo são meras questões de ponto de vista. Podemos indiferentemente enunciar a grande lei de Newton: – os corpos se atraem na razão direta das massas e na inversa dos quadrados das distâncias – ou – os corpos se repelem na razão inversa das massas e na direta dos quadrados das distâncias – sem alterar nem de leve a verdade científica.

Do mesmo modo podemos dizer que os sentimentos morais provêm do egoísmo ou do altruísmo – em ambos os enunciados as conseqüências sociais permanecem invariavelmente na mesma.

A moralidade das ações humanas, como já o tinha reconhecido o ilustre Pascal com censurável amargura, é apenas uma questão relativa de espaço e de tempo. A moral dos selvagens da Nova Caledônia era tão boa para o estado social correspondente, como a moral política para a Grécia de Temístocles, ou como a moral católica para o império de Carlos Magno.

Se o Engrossamento aproveita a coletividade no momento atual, tanto lhe basta para ser uma virtude política.

Quanto a essas turbulentas manobras de oposicionismo que mal escondem a gana da satisfação pessoal sob as cores farpantes de patriotismo revoltado, de entusiasmo humanitário e de amor à justiça, não há dúvidas que devem ser rigorosamente infamadas como imorais e atentatórias da harmonia social.

Há o bom e o mau egoísmo, assim como há o bom e o mau Engrossamento. Quando um indivíduo inepto, sem nenhum talento de prospecção política, sem tato algum para calcular até onde podem razoavelmente dirigir-se as suas ambições num momento dado, chega a rebelar-se contra o governo que não lhe pôde satisfazer as pretensões exorbitantes e a lançar-se com repreensível cegueira em aventuras de oposição sistemática, nem por isso ele deixa de ir engrossar em outros arraiais. E o Engrossamento exercitado nessas condições precárias é um ato de repelente imoralidade, desde que tão funesto é para o indivíduo como para o Estado.

Todo concurso partidário inclui necessariamente uma idéia de Engrossamento feito a alguns chefes ou a alguns eleitores: – se é feito ao partido governista, como é fácil de compreender, o Engrossamento é razoável e bom; mas, se for feito a partidos oposicionistas, ele é insensato e mau.

Em verdade, à vista da submissão política que hoje felicita a República Brasileira, podemos garantir que o oposicionismo é atualmente um caso ordinário de desequilíbrio mental, com um quadro sintomático bem conhecido de alucinações e ilusões, aparecendo aqui e ali sob a forma esporádica, e interessando apenas à curiosidade da psiquiatria ociosa.

O mal oposicionista com caracteres epidêmicos e perigosos tornou-se felizmente impossível, depois que algumas experiências eficazes imunizaram o espírito nacional, desmoralizando completamente a prática sedição e estúpida das revoltas e das eleições.

[...]

O Engrossamento não é incompatível com a oposição, tal qual como o amor não exclui um ciúme passageiro. A briga com a Autoridade é até certo ponto permissível, contanto que não passe de uma respeitosa controvérsia, de uma ligeira rusga cheia de atenções delicadas, sustentada como que a contragosto, alguma coisa enfim que se pareça com um arrufo, mais própria para excitar um renovamento de simpatia do que para causar um rompimento desagradável.

Não se engane a mocidade com as seduções de uma independência que nunca existiu nem nunca existirá. O mérito da subordinação é também o da perspicácia, da sensatez e do preparo científico.

[...]

O engrossador que se preza, que conhece bem as regras elementares da sua arte deve fazer como o filósofo Favorinus ao qual sucedeu que o Imperador Adriano lhe tivesse criticado a propriedade de uma expressão. Favorinus conquanto dispusesse de razões excelentes para defender-se, aceitou como um distinto favor a correção imperial; e tendo-lhe alguns amigos estranhado o procedimento, ele respondeu-lhes com superior bom senso: – Como quereis que eu dispute sabedorias com um homem, que dispõe de trinta legiões?

[...]

Cervantes, um gênio da ironia, adulava abjetamente o Conde de Lemos. Molière, o grande irreverente, rojava aos pés de Luiz XIV. Sir Isaac Newton condescendia de vez em quando em descer das suas regiões lunáticas para bajular a rainha Anna e alguns grandes da Inglaterra, exercício em que o ilustre matemático perdia as suas distrações habituais. Shakespeare, tão profundo conhecedor do coração humano, chamou a Elizabeth de Inglaterra – Vestal do Ocidente.

E não pretendamos amesquinhar a memória sagrada desses grandes homens, qualificando totalmente as suas lisonjas como uma quebra de caráter.

Se eles não tivessem adulado, muitos monumentos da literatura e da ciência não se teriam publicado, e a civilização humana não teria por consequência atingido ao alto grau em que presentemente se acha. Assim como devemos manifestar gratidão às ordens monásticas do Ocidente pelo fato de haverem guardado e salvado, durante os períodos mais bárbaros da Idade Média, as obras-primas dos antigos, do mesmo modo devemos à adulação dos grandes homens reconhecimento e louvores, porque foi o único meio que eles puderam conseguir para a publicação dos seus trabalhos.

Nesses tempos em que a impressão era caríssima, em que não havia público para recompensar as despesas da publicação, os homens de ciência e de literatura, para conseguirem editores, tiveram que recorrer à proteção e à bolsa de amos poderosos, conquistando-as com as seduções cativantes da lisonja.

Acreditamos que as considerações até agora expandidas são plenamente bastantes para evidenciar o prestígio social do Engrossamento e para desvanecer os injustos escrúpulos das pessoas ingênuas que ainda se obstinam em considerá-lo como uma revoltante imoralidade. [...]

A técnica do engrossamento

La louange chatouille et gagne les esprits

La Fontaine

Já dissemos mais ou menos claramente que Engrossamento político é uma forma de namoro, de sedução, de D. Juanismo, que tem por fim captar as simpatias da Autoridade e arrancar-lhes os favores e benefícios que ela possa porventura prestar.

Há entretanto (tantas esquisitices manifesta a natureza humana) indivíduos que exercem o Engrossamento por inclinação nativa, por simples amor à arte, sem cuidar nos proventos que ele pode fornecer.

Assim como em matéria de amor há o flecheiro perigoso que ao menor vislumbre de probabilidade arrisca as tentativas mais audazes, e há o inofensivo azeiteiro que nunca passa dos favores preliminares – assim também existe na arte engrossatória a espécie interesseira que nunca mete prego sem estopa e a espécie platônica que se contenta e se lisonjeia com a mera intimidade dos poderosos.

Ao azeiteiro basta-lhe um olhar expressivo que publique diante de testemunhas a irrepresível paixão de uma menina; e ao engrossador desinteressado basta-lhe que a autoridade o favoreça com um tratamento familiar em presença de gente.

E todavia, mesmo nesse caso incharacterístico de azeite político, a arte do Engrossamento revela inapreciáveis vantagens práticas: – se, por exemplo (hipótese inteiramente plausível), o cidadão Fulano mostra-se refratário ao pagamento de certa conta que deve no armazém dos Srs. Beltrano e Cia., estes senhores, tão amigos da cobrança quanto respeitadores de tudo o que cheira a influência política, são bem capazes de mostrar uma excepcional indulgência para com o remisso devedor,

quando souberem que ele é íntimo de S. Exa., a Autoridade.

E não mencionamos outras vantagens de igual natureza porque o leitor inteligente e experimentado poderá facilmente imaginá-las.

O caso que nos deve principalmente preocupar é o do Engrossamento estimulado pelo interesse – a arte vulpina e clássica de fazer cair o queijo do bico da Autoridade.

[...]

A vaidade e o Engrossamento são duas coisas complementares que se procuram, que se atraem de longe e que se justificam reciprocamente, pois que uma representa a aprovação e a outra a aprobatividade. O valor do Engrossamento mede-se pela grandeza da vaidade e vice-versa: – é uma relação quase tão precisa como a proporcionalidade dos lados homólogos em Geometria.

Não há talvez no espírito humano um fator mais intenso de sociabilidade do que essa benfazeja sofreguidão de aplausos pela qual se caracteriza a vaidade.

A honradez, o brio, a coragem, a pertinência no trabalho, a capacidade de abnegação e sacrifício são manifestações humanas intimamente ligadas aos louvores da opinião pública, à influência enorme dos elogios e da aprovação dos nossos semelhantes. Sem que tenhamos de incorrer na pecha de misantropia e pessimismo, podemos licitamente duvidar da possibilidade de heroísmos obscuros, sem a mais remota esperança de que uma galeria venha afinal a reconhecê-los e aplaudi-los.

O homem existe unicamente para a sociedade e pela sociedade e o critério principal por onde ele pode pautar o valor das suas ações é a aprovação dos seus semelhantes, que constitui o prêmio ambicionado de toda vaidade.

[...]

A vaidade é natural, necessária e benéfica.

Se os poderosos da Terra não a tivessem em grau elevado no fundo de sua alma, ai dos fracos e humildes que não poderiam modificá-los com o ascendente de sua opinião.

Felizmente ela existe no coração de todos os homens, sempre ao alcance de um insinuante Engrossamento que saiba catá-la, farejá-la e descobri-la nas suas manifestações mais fugitivas.

A dificuldade capital da lisonja e a mais alta perícia do engrossador consistem em perceber a espécie de vaidade peculiar ao indivíduo que tem de ser submetido às

provas da sedução, e saber qual a ocasião mais oportuna para tentá-la.

Para isso é preciso conhecer com vantagem a psicologia prática, a ciência da fisionomia e a mímica das emoções.

Os grandes artistas do Engrossamento, com essa espécie de adivinhação quase sobrenatural com que são dotados os espíritos superiores, conhecem tudo isso intuitivamente, sem saber explicar e analisar o segredo dos seus triunfos.

[...]

E portanto o engrossador inteligente deve compreender que tem de ser um penetrante psicólogo para surpreender a índole de um indivíduo através da atitude mentirosa que ele mantém e um refinado comediante para dar a ilusão da verdade aos papéis que tiver de representar. Por aí se veja que o Engrossamento é uma arte eminentemente saudável como exercício espiritual, uma verdadeira escola de conhecimento à natureza humana, tão preciosa coisa para a prática da vida.

[...]

Somos de parecer, salvo melhor juízo, que é necessário dividir o Engrossamento em duas classes principais: – Engrossamento direto, imediato, essencialmente mímico; o Engrossamento indireto, a distância, em que se dispensa gesticulações.

Cada um desses métodos tem as suas indicações próprias, podendo contudo ser conjuntamente empregados pelos artistas de talento.

Tomamos um indivíduo que não tem a honra invejável de privar com Autoridade ou que reconhece a sua insuficiência mímica para exprimir o sabido afeto que lhe dedica: - se esse indivíduo, por intermédio de um cidadão ingênuo, fez chegar aos preciosos ouvidos de S. Exa. o eco da sua amável admiração, é bem provável que S. Exa. procure conhecer e distinguir o pudico e modesto admirador que lhe fez tão boas ausências.

E eis ai um caso de Engrossamento indireto.

Se esse indivíduo, numa polêmica verbal intencionalmente travada com um representante da oposição ou da dissidência, aparentando uma nobre imparcialidade, tem o agradável ensejo de reinvidicar os méritos de S. Exa. contra acusações injustas e despeitadas (só por amor da verdade) e se ele tem a precaução de fazer levar ao conhecimento de S. Exa. pela boca de um anônimo complacente e indiscreto as façanhas defensivas que

praticou, não será surpresa alguma que esse indivíduo seja daí a tempos exalçado em certas ambições que nutria.

E aí está outro exemplo ainda mais expressivo de Engrossamento indireto.

O que seduz e cativa a Autoridade nesses exemplos é o realce da pudicícia e do desinteresse ajuntado a um sincero sentimento de admiração que parece evitar com dignidade toda suspeita ofensiva de adulação vulgar.

Imaginemos ainda que é absolutamente necessário dar uma resposta esmagadora a certa acusação publicada por um indigno jornal opositorista e particularmente dolorosa para o coração sensível de S. Exa.: – se um engrossador inteligente, provocando e aproveitando um convite da redação oficial, consegue produzir uma defesa que deleita S. Exa., bulindo-lhe com os mais ocultos melindres da vaidade, e depois se esconde com modéstia e foge de excessivos agradecimentos, com a atitude estóica de um homem que apenas cumpriu um rigoroso dever de consciência, fiquemos certos de que esse sujeito obterá uma recompensa no momento em que a solicitar.

Mais outro exemplo de Engrossamento indireto.

E mesmo na oposição as fecundas artes engrossatórias podem ser exercidas sob a forma indireta. Quando um homem político, que por um involuntário e comum erro de cálculo foi levado a alistar-se num partido hostil ao governo, tenciona honrosamente reverter ao regime da antiga obediência e manifestar um generoso arrependimento das suas faltas passadas, o processo de retrogradação é fácil e mesmo rápido se ele redige um jornal onde possa mostrar os progressos diários da sua disposição à penitência.

Com certos colaboradores acomodaticios que tomem a iniciativa de aplaudir alguns atos oficiais e uma certa dose de grave reserva colorida com o aparato da justiça, tudo se arranja afinal.

E a ovelha transviada pode voltar para o regaço carinhoso da Autoridade que bem pode – como na parábola do filho pródigo – matar nessa ocasião o seu melhor novilho, apesar de todos os ciúmes governistas.

Os processos da arte são infinitos. *Ars longa...*

Já tivemos ocasião de aplaudir com entusiasmo um artista emérito que mitigou repentinamente a sua fúria de chefe opositorista no dia em que percebeu com intensa mágoa (tão sensível é o coração humano) que estava imolando os seus amigos do interior à má vontade do governo. Também alguma vez o sentimentalismo há de

influir em nossas determinações.

Não é à toa que a piedade ocupa um vasto lugar no espírito humano...

Um certo grau de taciturnidade, de sentenciosa circunspeção e mesmo de rispidez em presença de S.Exa., contrastando com o conhecido e fogo entusiasmado com que lhe fazemos as mais elogiosas ausências, é uma combinação efficacíssima para conquistar-lhe a simpatia; e para obter esse resultado valioso basta encontrar um confidente simplório que se preste inconscientemente a servir de intermediário. Por isso recomendamos com instância aos engrossadores nòveis e inespertos que não caiam nunca no perigoso desazo de narrar a S.Exa. os conceitos afetuosos e admirativos que ouviram a seu respeito, para não favorecer concorrentes que possam vir a ser funestos.

Quanto ao Engrossamento direto, a espécie mais banal e mais comumente praticada é o processo pelo qual seduzimos a Autoridade com o magnetismo do olhar, a propriedade do gesto e a melodia das falas tudo isso temperado com certa modéstia e humildade, sem o que será dificultoso suscitar uma piedosa simpatia no coração de S.Exa.

O artista tem a liberdade de escolher o gênero em que puder figurar com mais vantagem, adaptando às condições intrínsecas da sua índole: ou sisudo, ou melancólico, ou lírico ou cheio de vivacidade, o Engrossamento agrada sempre, contanto que tenha o mérito da naturalidade com que unicamente se podem contentar as vaidosas pretensões de S.Exa.

Entretanto, bom será que o engrossador prime em todos os gêneros e que tenha uma execução perfeita de todas as variações engrossatórias, para não se tornar monótono e constantemente previsto. O inesperado, quando é agradável, multiplica o prazer, como judiciosamente fazem observar os mais reputados compêndios de Retórica: *In varietate voluptas*.²

A cada situação deve corresponder uma modalidade especial de Engrossamento, cômico-dramático – e mesmo trágico (se bem que muito raramente) pois que as artes de Melpomene pouco se empregam no serviço de S.Exa. O punhal simbólico da tragédia foi substituído por simples ameaças inofensivas e platônicas de quebrar a cara

² Tudo o que é novo é desejável. Provérbio latino.

da oposição, de acordo com a incruência³ característica que ditosamente reina nos costumes nacionais.

O Engrossamento cômico pode ser empregado com alguma felicidade, não passando porém do terreno da bufoneria, destinada a distrair os espíritos de S.Exa. das suas árduas preocupações de Estadista, sem alcançar nunca a zona odiosa da ironia; porque não há ente mais sério do que uma Autoridade, e mesmo quando S.Exa. estima ver uma certa veia sarcástica empregada contra a oposição, fica-lhe na mente a suspeita de que a mesma arma possa algum dia ser empregada contra a sua pessoa.

O emprego de Boileau era fulminar com as suas sátiras poéticas todas as pessoas que caíssem no desagrado do Rei-Sol. É verdade que foi cumulado de favores; mas isto é um caso excepcional.

Na sedução política as qualidades cômicas não dão os mesmos resultados vitoriosos que costumam alcançar na conquista dos corações femininos. Na estatística de Paul Bourget são os atores cômicos que obtêm a primazia na conquista das mulheres, mas, certamente, na sedução dos homens o resultado é de todo em todo contrário.

É o gênero sisudo e grave o que mais agrada no Engrossamento político, principalmente quando ajudado por um exterior venerável, monumentoso e decorativo. Por mais prolongada que tenha de ser a nossa existência pessoal, nunca havemos de esquecer a impressão profunda que nos causou um soberbo ancião de longas barbas argentinas, com uma bela calva de respeito, por ocasião de certo banquete político. Em certa altura do festim, depois de estar sofrivelmente restaurado, ergueu-se o majestoso velho de *aspecto venerando*, e *tais palavras tirou do experto peito*⁴, que nos evocou logo a imagem do velho dos *Lusíadas*, que *ficava nas praias entre as gentes* a vociferar coisas amargas e ponderosas, e o vulto do rei Sobrino aplacando a Discórdia no campo de Agramante.

Ao terminar a sua fala profunda, ele declamou com voz mordente e cava:

O homem que faz progredir o Estado à sombra da paz da liberdade... E aqui relanceou olhares intrépidos como que desafiando a audácia de uma contestação. *O homem que faz progredir o Estado à sombra da paz e da liberdade...* e – sentindo a intensidade da expectativa geral – ele lançou a sua palavra decisiva, como quem vibra a toda força um

³ Diz-se daquilo que não está aberto, sangrando, ferido.

⁴ Em itálico, são trechos do Velho do Restelo, em *Os Lusíadas*.

golpe de alto a baixo: é um *Benemérito!* O herói da festa quase desmaiou de prazer e ainda hoje repete comovido que nunca tinha ouvido falar tão bem. E fora tudo uma simples questão de porte e de figura.

Todos nós ficamos sucumbidos e ainda mais estupefatos quando vimos o barbudo ancião, passado esse arranco de entusiasmo, baixar de novo no prato e, reatando os seus triunfos gastronômicos no mesmo ponto em que os tinha deixado, continuar serenamente a destroçar as vitualhas oficiais.

Soubemos depois que essa tinha sido uma exibição incompleta dos seus talentos engrossatórios, que o formoso velho tinha serviços muito mais admiráveis, e que era um dos maiores artistas conhecidos da eloquência panegírica com revelações proporcionais à importância culinária dos banquetes.

O que seria então, pensamos nós, *si audivissemus bestium mugientem* em melhores condições alimentares?

O bom engrossador deve saber aproveitar as suas qualidades físicas, o seu próprio volume, a expressão dos seus traços, todas as suas particularidades de aspecto exterior, para minorar-lhes os defeitos ou exagerar-lhes o valor, sempre em vista do caso especial da vaidade que é necessário lisonjear.

O grande ator inglês Garrick assim como o célebre trágico francês Lekain eram dotados de um físico desagradável, e no entanto foram notabilidades do palco por terem sabido imitar, à força de talento e de indefeso trabalho, os gestos mais expressivos da mímica humana.

Uma bela estatura, uma voz profunda e bem timbrada, uma pronúncia bem escondida, um sistema piloso bem distribuído, tudo enfim que comunica dignidade e grandeza à figura humana é uma vantagem relevante para o engrossador; mas o artista de gênio que não possuía essas qualidades pode substituí-las pela eloquência da gesticulação, assim como Madame de Maintenon fazia esquecer a falta de um prato com o encanto de uma anedota narrada com espírito

O que é sobretudo indispensável é que o engrossador saiba fugir às aparências desprezíveis da adulação, gênero anacrônico que já teve sua época, mas que os progressos da civilização tornaram desusado, ridículo e ineficaz.

O *Neveu de Rameau*, este herói tão original e tão estimável, cujas confidências mais íntimas o ilustre Diderot teve a felicidade de receber e publicar, declarava

peremptoriamente que as suas leituras favoritas eram Molière, La Bruyère e Theophrasto, não para corrigir-se dos vícios que esses autores censuram, mas para conhecer a aparência denunciadora de cada um deles e saber modificá-la numa atitude virtuosa.

Assim o engrossador perito deve conhecer as formas clássicas e desacreditadas da adulação, para saber evitá-las e substituí-las pelas atitudes respeitáveis da honestidade.

Dizem os chins que as cerimônias suprem as virtudes, o que é mais verdadeiro do que parece, porque a virtude bem analisada não é mais do que uma cerimônia universal e necessária.

O engrossador ideal é aquele que percebe a espécie de vaidade que predomina no espírito de S.Exa. através de alguns gestos e de algumas frases, tal qual como o astrônomo determina a órbita de um astro, dadas algumas posições sucessivas na sua trajetória, ou como o paleontologista que ressuscita a morfologia de um ser extinto pela estrutura de uma pequena parte do seu esqueleto.

[...]

O engrossador que ambicionar uma lisonjeira superioridade nos exercícios do seu mister há de estudar com particular cuidado a sintomatologia psíquica da barba, distinguir-lhe as diversas variedades, o desvelo com que é tratada etc., etc. Como já tivemos ocasião de afirmar, todas as particularidades visíveis do homem têm a sua significação própria.

A relação entre o físico e o moral humano é apenas uma consequência da fatalidade universal que transparece num caso particular, conforme o ilustre Cabanis já tinha finamente suspeitado.

Um bigode ralo, ou roído, ou eriçado, ou negligentemente descaído não tem o mesmo valor-diagnóstico, nem o mesmo prestígio capilar que uma bigodeira copiosa, bem cuidada e retorcida.

Do mesmo modo uma barba espessa, olímpica e frondosa tem atributos de venerabilidade muito mais valiosos do que as farripas estioladas que mal chegam para acidentar a cara de um indivíduo. E todo mundo liga uma idéia de discrição e majestade às barbas extensas e profundas.

O antropomorfismo humano nunca pôde representar Júpiter e Jeová senão sob o aspecto de varões barbaçudos; e realmente seria risível o espetáculo de um

Deus sem barbas, com ares iracundos e inexoráveis, a lançar raios lá das alturas.

As barbas cerradas parece terem sido instituídas com o fim visível de enobrecer a fisionomia masculina, encobrendo-lhe a fraqueza do sorriso e dando-lhe a impassibilidade que imaginamos remar na figura dos entes superiores.

Num rosto glabro as mais leves contrações musculares da alegria ou da tristeza denunciam-se aos olhares menos perspicazes. Por isso não recomendamos aos engrossadores nem aos governantes que usem a barba toda rapada, salvo se tiverem a dita de possuir um talento excepcional para a dissimulação.

[...]

Apanhados os fracos da Autoridade a seduzir, o artista passa a ensaiar com prudência os seus processos, ilustrando-os com uma mímica eloquente nos casos de Engrossamento direto e tendo o máximo cuidado de escolher as ocasiões favoráveis.

A este respeito, dada a semelhança dos assuntos, convém lembrar o que escreveu Paul Bourget na sua *Fisiologia do Amor Moderno* acerca dos excluídos por *schlemylade*, isto é, dos indivíduos caiporas que estragam uma conquista bem começada por terem a triste sina de só chegar às últimas audácias em momentos intempestivos, quando a mulher está com dores de cabeça, quando tem os calos doídos etc., etc.

Ao engrossador sucedem-lhe também *schlemylades* quando não tem o tato e a finura de escolher as boas oportunidades.

A mímica há de ser executada com a maior perfeição e a mais completa aparência de naturalidade: – os grandes artistas são aqueles que obtêm os mais brilhantes efeitos sem que se lhes perceba o esforço da execução.

É também necessário que o engrossando não seja brutalizado com louvores hiperbólicos.

Nos tempos da decadência romana, em pleno vigor das mais rasteiras formas da adulação, Pescennius Niger, aclamado imperador pelas tropas que comandava, repeliu e fez calar um panegirista infeliz que o comparava a Mário, Aníbal e outros famosos cabos de guerra.

O mesmo fez o grande Constantino a um padre que lhe louvava imoderadamente as qualidades.

Todo excesso é prejudicial.

Suponhamos que S. Exa. lê a uma roda de seus

admiradores certo escrito que trabalhou com grandes desvelos literários: – os mais medíocres rebentaram logo em ruidosas interjeições de assombro, terão exclamações exageradas de gosto, olhares encantados, sorrisos fixos de beatitude, todo o aparato admirativo encenado de repente com uma rapidez de mágica; enquanto que o engrossador refinado, evitando essas instantâneas mutações à vista que podem fazer desconfiar, ouve com silenciosa atenção a peça de S. Exa. Imobiliza-se em seguida numa atitude meditativa, reclama com respeitoso interesse uma nova leitura, e só no correr de segunda audição é que a sua fisionomia vai se iluminando com o prazer da convicção e a chama do entusiasmo.

Regra geral, S. Exa. lisonjeia-se mais com esses aplausos retardados, porque lhe dão o sabor delicioso de um triunfo intelectual custosamente obtido à força de lógica e de estilo.

É igualmente eficaz o processo segundo o qual afetamos uma atenciosa discordância com as idéias de S. Exa. produzindo com habilidade argumentos fracos, para proporcionar a S. Exa. o gosto de pulverizá-los em duas palhetadas e levar vitoriosamente ao nosso espírito medíocre a convicção que fingíamos não ter.

Ninguém fez ainda com mais heróico desprante esse sacrifício de si mesmo do que um tal Artom, secretário do Conde de Cavour, fértil em objeções insignificantes que o ministro italiano se comprazia em refutar, como que fazendo uma ginástica cerebral higiênica e recreativa.

Entretanto, é preciso que esses meios se acompanhem afinal da escala mímica da aprovação, desde os mais simples gestos de surpresa até os grandes êxtases admirativos, tão decisivos para os grandes momentos e de uma execução infelizmente tão delicada – o que aliás não é para admirar – pois que um simples aperto de mão, uma combinação de contracções musculares tão simples e aparentemente tão fáceis de executar, tem gradações variadas, expressões infinitas, que só um exercício prolongado e uma observação esclarecida podem conseguir.

Um mestre engrossador sabe aprovar, respeitar, admirar, condoer-se, acariciar, mostrar franqueza, ternura, os mais diversos sentimentos, num rápido aperto de mão. A arte de rir também é dificultosa, tanto para a perfeita coordenação muscular do ato. como para as suas indicações especiais. O engrossador deve saber onde tem de colocar um sorriso esboçado de leve ou uma gargalhada

retumbante.

Representar com perícia uma barrigada de riso, com sufocações, lágrimas e convulsões abdominais, quando é necessário aplaudir uma pilhéria que S. Exa. narra com a pretensão visível de ter graça, não é para o talento de qualquer.

Mas, o que há de superiormente árduo na mímica do Engrossamento é imprimir ao olhar a expressão adequada à emoção que temos de reproduzir; faze-lo brilhar no entusiasmo, extingui-lo na condolência, quebrantá-lo suavemente na ternura, dar-lhe esse *quid* inexplicável de veracidade, sem o qual ele atraiçoa de repente a mais sutil dissimulação.

Alguns fisionomistas de nota chegam mesmo a considerar acima dos recursos da arte uma perfeita hipocrisia do olhar – este espelho da alma – como lhe chama a voz pública, que os mais estudados fingimentos não conseguem de todo empanar.

[...]

Uma certa maneira de menear a cabeça em sinal de aprovação; um certo langor ou um certo brilho da face; uma respiração anelante que se resolva afinal num repousado suspiro, significando primeiro a ansiedade da nossa atenção e depois o prazer mental de havermos percebido a palavra transcendental de S. Exa.; um certo modo de torcer e esticar o pescoço para colher avidamente com o nosso melhor ouvido os conceitos da Autoridade; uma certa inquietação irreprimível dos ombros e das mãos, uma certa imitação inconsciente dos gestos de S. Exa., exprimindo a nossa aprovação visível às suas idéias etc.: – tudo isso deve ser laboriosamente ensaiado por quem ambicionar uma rara maestria na arte do Engrossamento.

Não obstante as inumeráveis dificuldades práticas desses processos diretos, são eles os mais frequentemente usados, porque é sabido que a mímica obtém muitas vezes com rapidez aquilo que é negado à mais eloquente das súplicas indiretas.

Longe da vista, longe do coração.

Muitas vezes recusamos com dureza satisfazer um justo pedido feito por escrito, ao passo que facilmente nos sucede favorecer uma reclamação verbal de que suspeitamos contudo a velhacaria, tão grande é a força da gesticulação e tão comovedores são os acentos suplicantes e chorosos da voz humana. Não há dúvida alguma que a lágrima é um grande excitador de simpatia e de piedade, o que talvez seja devido ao seu estado líquido pois que já os

antigos químicos tinham observado o valor da fluidez para a facilidade das combinações. *Corpora non agunt nisi soluta*, diziam eles axiomáticamente.

Entretanto, tal foi o abuso com que alguns químicos nacionais empregaram a sua secreção lacrimal nos mais simples lances tribunícios, que a organização política do país já reage com dificuldade às mais bem ponderadas aplicações do pranto.

O clássico *si vis me flere...* pode ser substituído atualmente entre nós por – *si vis me ridere...*

Todavia, se admitimos que, como expediente de tribuna, a lágrima está um pouco desmoralizada, o mesmo não diremos do choro discretamente derramado num reservado colóquio engrossatório, ou por ocasião do sentido passamento de algum querido parente de S. Exa.

Nessas condições concordamos e mesmo recomendamos, contanto que haja discernimento, que os artistas bem dotados de glândulas lacrimais vertam moderadamente as suas secreções.

Além das seduções até agora expostas, o engrossador tem ainda grande margem para agradar e render S. Exa., prestando-lhe pequenos serviços íntimos, obscuros, e por isso mesmo valiosamente recompensados. O próprio Luiz XI, esse monarca eternamente suspeito e frio, deixou-se influenciar pelas manhas vulgares de um reles barbeiro. É muito conhecida a importância de que gozam sempre os criados de quarto.

[...]

Contudo, para rematar proveitosamente esta parte técnica, julgamos de bom proceder ministrar aos engrossadores principiantes um conselho salutar: – não deixem nunca de fazer constar a S. Exa. que nutrem, ainda que com tímida ansiedade, umas pequenas ambições.

É preciso provocar constantemente a munificência da Autoridade.

Os olhos dos servos estão pregados nas mãos dos seus senhores – diz a Bíblia.

Certamente a abnegação tem uma bela aparência e não deixa de colorir agradavelmente a estratégia engrossatória, quando empregada com sobriedade; mas, não convêm de modo algum afetar um desinteresse sistemático que acaba sempre por prejudicar-nos.

Um indivíduo que se faz ostentadamente abnegado, que baseia os seus merecimentos num invariável desinteresse, é não só esquecido como fácil de ser afastado de qualquer pretensão que venha a manifestar. E se ele

insistir na sua inesperada ambição perde todo o prestígio que lhe tinha dado a sua atitude anterior.

Aperfeiçoem-se os engrossadores nas artes mímicas, exercitem-se por uma aturada observação a fazer precisos diagnósticos psicológicos, aprendam a agarrar as boas ocasiões, que se hão de tornar infalivelmente irresistíveis na sedução das mais esquivas Excelências.

A arte de engolir a pílula

Não há prazer completo neste mundo...

Por mais apazível que se possa imaginar um ofício, ele terá fatalmente percalços dolorosos que de vez em quando o envenenam.

É perfeitamente justificável parodiar uma célebre frase de Spencer, sem forçar a lógica dos fatos, dizendo que – há uma alma de maldade nas coisas boas. A arte do Engrossamento é sem contestação possível tão lucrativa para o aparelho cerebral como para as diversas vísceras digestivas. Mas tem certos incômodos que lhe são apensos e que é preciso suportar com estóica resignação.

Nem tudo são rosas neste vale de lágrimas.

[...]

Os engrossadores devem pois ter sempre o paladar preparado para as amarguras inevitáveis do ofício, reconfortando-se durante os transes difíceis com a imagem risonha dos proventos a colher.

E como não desejamos absolutamente iludir a mocidade com falsas perspectivas de uma inalterável felicidade profissional, passamos a esmiuçar sem fraudulentas atenuações os lances aflitivos com que o Engrossamento costuma surpreender-nos.

É preciso em primeiro lugar distinguir os inconvenientes materiais e os inconvenientes espirituais. Parece à primeira vista – tratando-se de uma profissão mais literária do que mecânica – que ele não conte no seu passivo peníveis contratemplos traumáticos.

Mas um exemplo dolorosamente instrutivo servirá para demonstrar o contrário.

Numa ocasião insidiosa e aparentemente favorável escapara-se das mãos preciosas de S. Exa. um cândido

lenço que, obedecendo às leis irreverentes da gravidade, chegara a tocar no assoalho.

Tinham presenciado esse fenômeno barológico dois graves magistrados que, há muito empenhados num irritante *steeplechase*⁵ engrossatório, porfiavam na conquista da simpatia de S. Exa. Mal tinha pousado o lenço no chão e os nossos juriconsultos, com uma incomparável precisão de movimentos automáticos, que podia fazer honra ao soldado mais bem instruído, manobram ao mesmo tempo erguer a cambraia de S. Exa. É fácil de adivinhar o desastre que sucedeu: – chocaram-se cavamente os dois crânios solícitos e jurídicos, com profundas contusões de parte a parte.

Um deles ressentiu-se tão fortemente do abalo, que daí por diante não pôde lavrar uma decisão que prestasse.

Verdade é que S. Exa. sem tempo para fornecer-se de compaixão, aplaudiu o abalroamento dos seus admiradores com uma risada impiedosa.

Porém isso não obstou a que os gratificasse a ambos com um acréscimo de consideração, levando mesmo a sua generosidade até ao ponto de formular diversos considerandos jurídicos para o infeliz cujo cérebro se havia enfraquecido.

Conhecemos um outro caso ainda mais funesto: – o de um engrossador idoso e adoentado que escapou de sucumbir sob o peso de um bem nutrido infante, esperançoso filho de S. Exa., carregando-o ao colo numa distância grande; e S. Exa. muito tempo depois ainda guardava um secreto rancor ao imprudente velho que ameaçara morrer-lhe intempestivamente em casa.

Não há nada mais incômodo do que engrossar uma Autoridade que tenha família numerosa. É preciso suportar com sorrisos indulgentes, enquanto um ódio assassino nos morde o coração, a corja abominável das crianças com as suas travessuras, os seus desaforos e as suas dejeções inesperadas; é preciso em casos de viagem tomar conta da complicada e inumerável bagagem de S. Exa. e providenciar numa multidão de pequenas comissões desagradáveis; na volta de S. Exa. é necessário organizar as manifestações com arcos, coqueiros, e meninas vestidas de branco; nas soirées oficiais é necessário carregar bandeja, licoreiros e outros petrechos delicados solenemente entregues à nossa responsabilidade, dançar com as meninas, namorá-las com discrição em certos casos etc., etc.

⁵ Corrida de obstáculos para cavalos.

Árdua é a tarefa do engrossador nessas circunstâncias fastidiosas e quantas vezes mal reconhecida e pior recompensada!

Por mais minuciosamente que se estudem essas diversas práticas, a nossa previsão não dá para tudo, e lá nos escapa de vez em quando um pequeno desastre profissional, suficiente contudo para alheiar-nos temporariamente a simpatia de S. Exa. ou de algum membro da sua Exma. Família.

Já tivemos ocasião de assistir às amarguras de um engrossador, aliás bastante recomendável, ao qual aconteceu, brincando amorosamente com um filho de S. Exa., queimar-lhe ligeiramente um braço com cinza do charuto. O menino urrou estrondosamente. O artista, com essa intuição elétrica que nos salva às vezes nos momentos trágicos, quis empregar o cuspe e o sopro como terapêutica de urgência. Mas o menino, rebelde à saliva e ao frescor, escapou-se-lhe das mãos e correu desvairadamente pela casa a berrar a sua dor.

Alguns miseráveis rivais, aproveitando o desastre alheio, ciciavam perfidamente que aquilo tinha sido uma imprudência nunca vista, quase um propósito.

S. Exa. mesmo, contagiado pela fúria da Esposa, teve a crueldade de concordar que realmente tinha havido uma grave imprudência.

A essa injustiça inesperada caída de tão alto, ao pobre réu de tão ligeiro crime borbotaram-lhe lágrimas nos olhos. Felizmente para ele estes sinais inequívocos de arrependimento bastaram para condoer o grande coração de S. Exa. que começou logo a consolar com alguma meiguice a vítima do seu excessivo rigor.

Aí o engrossador,
como o menino da ama castigado
que quem no afaga o choro lhe acrescenta,
aproveitou a ocasião para lavar-se de toda culpa com algumas lágrimas de quebra.

E esse individuo é hoje deputado.

Uma desgraça medonha que anda sempre apensa ao ofício de engrossador são as subscrições: – recebe S. Exa. o encargo de arranjar donativos para um funeral, uma apoteose ou uma instituição e descarrega sobre nós outros, míseros suplicantes, sob a forma de um execrável papel onde devemos assinar quantias pavorosas, e até pagá-las, para fazermos jus a um extorsivo pg; ou então vem S. Exa. de fora, trama-se a recepção infalível, corre-se o tal papel da subscrição e temos de cair com os nossos queridos

metais, tanto mais lisonjeiros quanto mais liberalmente assinados.

Coisa igualmente desagradável ocorre quando S. Exa. ou algum ilustre membro de sua Exma. Família faz anos. Temos de brindá-los com presentes custosos, se quisermos exercer uma sedução eficaz.

Se – *les petits cadeaux entretiennent l'amitié* – o que não será dos grandes?

Os incomôdos materiais do Engrossamento são variadíssimos; e querer dar uma lista completa deles é uma tentativa tresloucada. É preciso dar vivas a ponto de enrouquecer, soltar foguetes com risco de queimar os dedos, carregar lanternas venezianas nas *marches aux flambeaux*, acompanhar S. Exa. em excursões longínquas ou em tediosas visitas, fazer sonolentos quartos nas moléstias oficiais, carregar defuntos etc., etc., um horror de pequenos sacrifícios que se vão adicionando surdamente até perfazer uma soma espantosa de aborrecimento.

Todas essas pílulas havemos de engolir sem caretas que deixem transparecer a profunda repugnância da nossa alma, fazendo sempre como o diplomata inglês de Thackeray com o ar de perfeita beatitude de quem está gozando um mimo excepcional dos céus.

O engrossador que não souber fortificar-se na esperança das vantagens a obter, contra essas pequeninas e obscuras misérias profissionais, é perfeitamente indigno da sua arte.

Os inconvenientes espirituais, conquanto numerosos, podem reduzir-se a três espécies principais os que se referem à maledicência do vulgo profano e ignaro, os que dependem de rivalidades ciumentas e tortuosas, e os que dizem respeito à própria Excelência que se trata de seduzir.

É desgraçadamente muito comum encontrarem-se pessoas desprovidas de senso artístico, de todo cegas às belezas do nosso ofício, que costumam lançar sobre nós outros o epíteto de engrossadores, como se ele condensasse um máximo de injúria.

Certamente um bom engrossador deve sê-lo sem parecê-lo, mas, no caso de ver o seu jogo descoberto, não se segue que ele deva abandonar os seus pacientes artificiosos, porque meia dúzia de imbecis lhe lançou em rosto um qualificativo que nada tem de desonroso.

[...]

Os ciúmes e as intrigas dos rivais são a pior desgraça do Engrossamento, a fonte dos seus mais

mortificantes contratempos. É doloroso para um coração sensível ver um concorrente de mais baixo valor que o nosso ser distinguido por uma Excelência estupidamente injusta.

Vai, por hipótese, a Autoridade celebrar uma festiva excursão: – distribui imponderadamente os seus convites, esquecendo o nosso nome sem razão alguma para fazê-lo, preferindo a companhia enfadonha de alguns intrigantes de baixa capacidade engrossatória.

Ora, essas desatenções magoam como afrontas. Já vimos um engrossador distinto e cheio de prudência perder as estribeiras numa dessas circunstâncias intoleráveis e chegar a exclamar com rancoroso sarcasmo: – A mim, só me convidam para enterros.

Com efeito, é quase desculpável a um artista que tem plena consciência do seu próprio mérito lançar arrebatadamente, despeitado com o ouvido de S. Exa., uma palavra menos criteriosa, quando além de tudo ele vê um rival desprezível ostentar em sua presença, com perverso acinte, um convite que imerecidamente conseguiu apanhar.

É preciso ter uma calma quase marmórea para suportar em silêncio esses casos lancinantes. Todavia, o meio mais legítimo de fazer constar à Autoridade o nosso amargo ressentimento é afetar uma interessante melancolia, que lhe puxe delicadamente pela atenção e que a obrigue a indagar da nossa íntima tristeza.

Provavelmente S. Exa. compenetra-se da sua falta, promete a si mesmo não repeti-la noutra ocasião e é mesmo capaz de resgatá-la com algumas distinções imediatas, tão abundante é a misericórdia humana, por mais que a neguem caluniosos pessimismos.

A Autoridade está sempre cercada de uma roda espessa de engrossadores que nunca despregam a vista do objeto que adoram, senão para fiscalizar as genuflexões dos outros fiéis e redobrar de zelo devoto em caso de necessidade.

O artista bem dotado deve cegar a vigilância dos seus ciumentos rivais, adormecendo-os com os próprios passos do Engrossamento, de modo a poder despercebidamente romper o círculo apertado que o separa de S. Exa.

[...]

Finalmente é preciso suportar com inalterável paciência os inesperados maus humores de S. Exa., os seus caprichos efêmeros e os de sua Exma. Família, oferecendo-nos generosamente como vítimas humildes onde se

descarreguem e se aplaquem esses diversos furores oficiais, pois que sabemos por experiência universal que a mansidão nos maus tratos costuma provocar piedosos arrependimentos e com eles abundantes indenizações.

Sofrer com magnanimidade uma grosseria de S. Exa. é, na maior parte dos casos, fazer jus a uma próxima gratificação.

Os engrossadores suscetíveis que não têm bastante capacidade moral para tolerar os desaforos da Autoridade são cidadãos vergonhosamente imbecis ou inteiramente faltos de firmeza, pelos quais a mocidade não deve nunca modelar-se.

Resignemo-nos pois aos percalços do ofício, engulamos com boa cara as pílulas obrigatórias, na certeza de que elas hão de produzir efeitos salutareos em nosso mecanismo abdominal, como verdadeiros grãos de saúde.

Em matéria de Engrossamento, a docilidade e a resignação bem provadas são sempre pagas com larga usura.

Recebida em: 17 de fevereiro de 2020

Aprovada em: 13 de abril de 2020